

CORPOS (NÃO) HUMANOS EM SACRIFÍCIO: AS PERSPECTIVAS TRANSMANAS E OS LIMITES ÉTICOS NA OBRA *NÃO ME ABANDONE JAMAIS*, DE KAZUO ISHIGURO

EUGÊNIA ADAMY BASSO¹; EDUARDO MARKS DE MARQUES²

¹Universidade Federal de Pelotas – eugenia.adamybasso@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – eduardo.marks@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Na busca da superação dos limites naturais humanos, o transumanismo compreende que a tecnologia pode auxiliar na remodelagem desses indivíduos a fim de desenvolver pós-humanos cognitivamente, emocional e fisicamente melhorados. Em consonância com essa linha de raciocínio, o filósofo transumanista Max More afirma que

Os transumanistas consideram a natureza humana não como um fim em si mesma, nem como perfeita, e não como tendo qualquer direito à nossa lealdade. Pelo contrário, é apenas um ponto ao longo de um caminho evolutivo no qual podemos aprender a remodelar nossa própria natureza de maneiras que consideramos desejáveis e valiosas. Ao aplicar a tecnologia de maneira pensativa, cuidadosa e, ainda assim, ousada, podemos nos tornar algo que não é mais descrito precisamente como humano - podemos nos tornar pós-humanos. Tornar-se pós-humano significa superar as limitações que definem os aspectos menos desejáveis da "condição humana". Os seres pós-humanos não sofreriam mais com doenças, envelhecimento e morte inevitável (mas provavelmente enfrentariam outros desafios). (MORE, 2013, p. 4, tradução nossa)

No romance *Não me abandone jamais*, o internato de Hailsham é um espaço de exílio para clones que vivem à parte da sociedade inglesa do final da década de noventa. Na distopia, o uso de clones como meros doadores de órgãos é justificado como meio essencial para a cura de moléstias graves e tidas até então como incuráveis – a exemplo, o câncer. A leitura do romance permite um questionamento ético acerca da linha tênue entre clones e humanos que, dentro daquele universo, está propositalmente demarcada de modo a sustentar os trâmites científicos em voga envolvendo transplantes de órgãos. Tal indagação ocorre porque os protagonistas, que são clones, performam o comportamento humano ao decorrer de toda a narrativa, permitindo uma reflexão do que faz um indivíduo ser ou não humano. Sendo assim, este trabalho busca uma reflexão sobre o que é ser humano e quais os limites da ética quando movimentos transumanos marginalizam corpos em prol de outros.

2. METODOLOGIA

A metodologia do trabalho partiu da seleção de referencial teórico que dialogasse com o romance em questão. Para tratar dos conceitos de distopia e utopia, escolheu-se o trabalho do historiador Gregory Clayes. Para base teórica relacionada ao movimento transumanista, foram utilizados os estudos dos filósofos Max More e Nick Bostrom. De modo a questionar as condutas transumanistas no que diz respeito ao ser humano, optou-se por recorrer aos estudos da filósofa pós-

humanista Francesca Ferrando e aos princípios éticos da biomedicina de Tom Beauchamp e James Childress.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor esclarecer a divisão entre clones e humanos e o porquê de sua complexidade trazida no romance, fez-se necessário esmiuçar as características que separam e aproximam esses dois mundos. A primeira delas, diz respeito ao fato de que os clones não podem se reproduzir:

De todo modo, o que eu fazia na hora era me balançar de lá para cá bem devagar, no ritmo da música, segurando um bebê imaginário no colo. Na verdade, para tornar as coisas ainda mais embaraçosas, foi uma daquelas vezes em que peguei um travesseiro para fazer de bebê e fiquei rodopiando num bailado lento, de olhos fechados, acompanhando baixinho a letra toda vez que o refrão dizia: “Oh, baby, baby, não me abandone jamais...” (ISHIGURO, 2016, p. 91)

O fragmento em destaque traz a origem do título do romance, onde Kathy, a narradora, relembra quando estava em seu quarto ouvindo uma música abraçada em um travesseiro, embalando-o como se fosse uma criança e cantando uma canção que adorava. Conforme vão crescendo e amadurecendo, os clones tomam consciência de que são incapazes de se reproduzirem e, a partir disso, constituir uma família - o que já os distancia dos demais seres humanos.

Mesmo nessas condições impostas, os clones não demonstram nenhuma resistência dentro de seu papel social, o que leva ao segundo aspecto a ser discutido, que é o da docilidade desses indivíduos: “Nenhum de nós, por falar nisso, ficou especialmente aborrecido com a notícia; na verdade, lembro-me que houve gente satisfeita de saber que poderíamos fazer sexo sem ter de nos preocupar com as consequências.” (2016, p. 93). Kathy, a protagonista, passa o romance a contar como foi sua infância com os demais colegas de internato e seu processo de descobrimento dentro daquele universo de clones doadores de órgãos.

O terceiro tópico que merece ser realçado no romance é de que os clones são exilados:

“Indignos de privilégios” e “mau uso das oportunidades”: essas eram duas frases constantes das quais Ruth e eu nos lembramos, quando começamos a rememorar tudo, em seu quarto no centro de Dover. O tom geral era bastante claro: éramos, todos nós, muito especiais, sendo alunos de Hailsham, e justamente por esse motivo a decepção era maior quando nos comportávamos mal. (2016, p. 58)

O parágrafo anterior traz um exemplo, contado por Kathy, de como o exílio doutrina e manipula cada aluno de Hailsham. Tendo em vista que não possuem família, o internato é o único marco de referência e de identidade que as crianças convivem. Assim sendo, são levadas a crer que são especiais por fazerem parte daquela comunidade. Estando em uma situação de carência, a escola e cada guardião (os professores e demais funcionários da escola) são vistos como uma figura paterna ou materna para os clones, desencadeando uma eterna submissão.

O último aspecto a ser destacado é de que os clones produzem e apreciam poesia, música e pintura. A arte separa seres humanos de animais, pois trabalha com a racionalidade e a capacidade de expressão e materialização de sentimentos.

Você disse que era porque a arte revelaria como vocês eram. Como vocês eram por dentro. Foi isso que você disse, não foi? Bem, pois saiba que não está muito distante da verdade. Nós levávamos seus trabalhos porque achávamos que eles revelariam a alma de vocês. Ou, para esclarecer melhor a questão, fazíamos isso para provar que vocês tinham uma alma. (2016, p. 311)

Na obra, a arte é colocada como manifestação e prova de que há existência de alma em cada indivíduo, como defende a Diretora do internato dos clones, na citação supra. À vista disso, é possível elencar algumas características capazes que associam clones e humanos: capacidades reprodutivas, habilidades sociais, habilidades racionais, sensibilidade e subjetividade, identidade e pertencimento.

4. CONCLUSÕES

Ao tratar do bem-estar humano, o sacrifício de corpos não humanos é moralmente aceito por conta dos benefícios consequentes. No entanto, jamais se aceitaria que o mesmo ocorresse explicitamente com seres humanos. O romance apresenta uma configuração onde o que define o limite ético é a dualidade entre humano e não humano. Na narrativa, quando questionados sobre a humanidade dos clones, os cientistas e os demais beneficiários envolvidos no processo rejeitaram as evidências de humanidade existentes. Assim, mesmo com a divulgação dos resultados de que os alunos de Hailsham produziam arte, construíam laços afetivos, tinham habilidades sociais e desenvolviam sua identidade, a comunidade preferiu defender que os órgãos que dali saíam eram de criaturas quaisquer.

Desse modo, ignora-se que o que define um sujeito como humano é sua construção identitária, pertencimento, relações afetivas e sociais, capacidade de externalizar sentimentos e sua produção racional. Constrói-se um processo de desumanização proposital dos clones e há um apego à forma que os clones são concebidos e às suas condições estéreis reprodutivas. Assim, o limite ético no espaço da obra se restringe à definição de humano como reduzida às condições intrínsecas ao corpo humano natural, como origem e propagação da espécie.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ISHIGURO, K. **Não me abandone jamais**. 2 ed. Tradução: Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MORE, M. The Philosophy of transhumanism. In: **The transhumanist reader: classical and contemporary essays on the science, technology, and philosophy of the human future**. Oxford: Wiley Blackwell, 2013. pp: 3-17.